



Boas Práticas

Rituais e tempo de Escola

Tronco do módulo R

1. Contexto

O contexto previsto pode ser uma escola primária ou uma escola do 2º ciclo.

2. Objetivos

Esta ficha de boas práticas tem como objetivo pensar no desenvolvimento de rituais para a função de aprender o lugar de cada um no tempo, o que traz um apaziguamento ao mesmo tempo que elimina os efeitos de constrangimento e a procura do comportamento estereotipado. O ritual também marca a passagem de um espaço para outro, do espaço social e da família, o MECS¹ ou o ITEP²... para o espaço social da escola com a sua organização, a sua hierarquia e as suas regras particulares.

3. « Desenvolvimento da boa prática »

Estamos numa turma onde muitos alunos têm distúrbios de atenção, comportamento e do espectro do autismo. Estas crianças são particularmente agitadas e instáveis quando chegam ao espaço da escola e têm uma enorme dificuldade em fazer a transição com o espaço de onde vêm. Por outro lado, quando saem da escola pode-se notar neles uma grande ansiedade. Podemos, assim, considerar dois pontos altos da ritualização da passagem à chegada e à partida da escola. Ao chegarem, de manhã, são acolhidos num espaço adequado. A criança pode partilhar uma refeição leve (fruta, uma bolacha ou um copo de água, por exemplo) com os colegas da turma e os adultos envolvidos na turma. Pode também imaginar-se um tempo de recriação de cerca de 10 minutos: queimada, jogo da cabra cega, etc.

- ...Através da brincadeira a criança entra no espaço social da turma e na relação com o adulto, o

¹ Maison pour Enfants à Caractère Social, i.e. casa social para crianças

envolvimento do adulto no “fazer” é importante porque permite o acesso imediato à criança mitigando os efeitos da ansiedade que ela pode sentir. Do mesmo modo, a ideia de passar por um jogo de mesa é um ritual que pode ajudar a mitigar os efeitos assustadores da separação.

- Ao partirem ao fim do dia, pode dar-se cerca de 20 minutos para aqueles que queiram exprimir as emoções do dia. Se for complicado falar, pode-se permitir um pequeno texto escrito que a criança depositará numa caixa. No início deste ritual, as palavras do dia anterior são lidas pelo adulto que discute as emoções referidas e que controla o fluir do discurso. Isto assegura que a criança regresse à família ou instituição sem as emoções negativas do dia.
- Passar da hora do recreio para a aula pode, por vezes, ser perturbador para a criança autista, por exemplo. O caso daquele que não consegue estar na fila e que manifesta gestos estereotipados. Assim, pode-se criar um pequeno ritual de se sentar num banco com o AE (assistente da escola), como uma forma de procurar um patamar. Não há um ritual modelo para todos em qualquer altura. Por vezes, é necessário adaptar, improvisar rituais de acordo com os problemas encontrados.
- As crianças que têm tendência para fazer cenas devido às suas perturbações devem ser capazes de identificar um sistema de rituais de regulação. Sempre que há um acesso, um adulto de referência leva a criança para fora da sala e acompanha-a para um espaço adequado. É um espaço cuja estética e disposição são completamente diferentes da sala de aula.

Aí, ele pode brincar, tomar uma refeição leve, interagir com o adulto que desenvolverá a sua capacidade de ouvir, para ouvir para além das palavras. Muito frequentemente, o acontecimento que despoleta a cena pode ser apenas um pretexto para exteriorizar um estado interior de tensão. Por exemplo, a criança pode sentir-se angustiada pelo abandono em relação à sua própria história e fazer uma cena durante o dia quando o professor lhe diz que vai sair da escolar.

4. Avaliação da atividade

- Verificar o bem estar da criança no coletivo e na situação de aprendizagem. Ela consegue participar na aula e noutras atividades? Não é introvertida? Sente-se bem na partilha com o grupo de crianças ou alguns em particular? O número de acessos ou “crises” diminuiu?
- Fornecer espaços de expressão com o grupo de crianças, professores, acompanhantes e provavelmente a família para recolher o que o aluno sente, o que pode dizer sobre o espaço que se tenta criar para ele na escolar. Sente-se instalado no local que se está a tentar criar para ele?

5. Limitações

Aqui o desafio será atender à singularidade e necessidades de cada criança. Uma criança autista não tem

as mesmas necessidades em termos de ritualização do seu tempo que uma criança com distúrbios comportamentais, por exemplo. Um outro problema a ter em conta é a dependência que se pode criar ao ritualizar o tempo de forma excessiva. Deve-se considerar uma emancipação gradual do ritual à medida que a criança evolui ao longo dos anos e dos níveis. Finalmente, para a refeição ligeira, é necessário conseguir uma pequena verba e um espaço adequado.

6. Perspetivas

Os rituais e o tempo de escolar é um tema que deve ser pensado globalmente na escola. Porque assegura uma estabilidade ao longo do tempo o que por vezes pode ser angustiante para as crianças com NEE. Mas também proporciona um enquadramento restritivo, uma função discreta da autoridade que torna a criança disposta a aprender. A harmonização desta prática numa instituição não tem que ter o mesmo âmbito da de uma turma.